



Ecocrítica no Cordel “O Clamor do Meio Ambiente” de Abraão Batista

Anna Christina Farias de Carvalho¹

Resumo: Objetiva-se refletir nesse artigo as representações sobre a Natureza e o Meio Ambiente no texto “O Clamor do Meio Ambiente” do mestre cordelista e xilógrafo de Juazeiro do Norte-CE-Brasil, Abraão Batista, a partir da perspectiva ecocrítica. Essa discussão é parte de um estudo mais amplo que propõe analisar como a Natureza e o Meio Ambiente são representados na literatura de cordel brasileira e a partir de que momento esses temas se apresentam recorrentes nos folhetos. A literatura de cordel brasileira, especialmente no Nordeste, tem seu enfoque em temas aparentemente tradicionalistas, como Padre Cícero, Lampião, Besta Fera, secas, entre outros, apresentados nos vários ciclos temáticos do cordel. A partir da década de 1970, começa a aparecer cordéis que nos permite investigar, com maior ênfase, a degradação da Natureza pelo homem, especialmente com a introdução da palavra Ecologia em suas narrativas. A partir dessa constatação, utiliza-se a Teoria Ecocrítica para analisar, nos cordéis, a relação entre a literatura e o meio ambiente com uma interface específica que são as relações que se estabelecem entre o homem e o meio ambiente a partir de uma perspectiva ecocêntrica no texto literário, apontando a esfera e o contexto da escrita e sua recepção. Em relação ao enfoque ambiental, podemos inferir que o cordelista apresenta uma visão ecocrítica quando faz a crítica através das rimas de sua poesia da degradação do meio ambiente e da natureza pelo ser humano.

Palavras-chave: Cordel. Ecocrítica. Meio Ambiente.

Ecocritique in the Cordel "The Clamor of the Environment" by Abraão Batista

Abstract: The objective is to reflect in this article the representations of Nature and Environment in the text "The Cry of the Environment" of cordelista master woodcutter and the Juazeiro Norte-CE-Brazil, Abraham Baptist from ecocriticism perspective. This discussion is part of a larger study that aims to analyze how Nature and Environment are represented on the Brazilian cordel literature and from that moment these issues are present applicants in brochures. Literature Brazilian line, especially in the Northeast, has its focus on subjects apparently "traditionalists" as Father Cicero, Gas Light, Beast Beast, droughts, among others, presented in several "thematic cycles" of the string. From the 1970s, it begins to appear twine which allows us to investigate, with greater emphasis, the degradation of nature by man, especially with the introduction of the word ecology in their narratives. From this observation, we use the ecocriticism theory to analyze, in twine, the relationship between literature and the environment with a particular interface that are the relationships established between man and the environment from an ecocentric perspective the literary text, pointing the ball and writing context and its reception. Regarding the environmental focus, we can infer that the cordelista presents a vision ecocriticism when does criticism through the rhymes of his poetry degradation of the environment and nature by humans.

Keywords: Cordel. Ecocriticism. Environment.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba-Brasil (UFPB) cursou Licenciatura em História e Mestrado em Ciências Sociais na UFPB. É professora aposentada da Universidade Regional do Cariri (URCA), pesquisadora do Núcleo de Estudos em Ciência, Espiritualidade e Filosofia (NECEF/URCA), Assessora de Cultura e Extensão da PROEX-URCA. Cursando Pós-Doutorado no Programa de Pós Graduação em Letras na UFPB. E-mail: anna_crica@hotmail.com ; anna.carvalho@urca.br.



Introdução

Objetiva-se refletir nesse artigo as representações sobre a Natureza e o Meio Ambiente no cordel “O Clamor do Meio Ambiente”¹ do mestre cordelista e xilógrafo Abrãao Batista a partir do enfoque ecocrítico. O presente texto faz parte da pesquisa de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba-UFPB (2015-2016).

A proposta é analisar como a Natureza e o Meio Ambiente são representados na literatura de cordel brasileira e a partir de que momento esses temas se apresentam recorrentes nos folhetos. A literatura de cordel brasileira, especialmente a do Nordeste, tem seu enfoque temas tradicionalistas, como Padre Cícero, Lampião, Besta Fera, secas, entre outros, apresentados nos vários ciclos temáticos do cordel. A partir da década de 1970 começa a aparecer cordéis que nos permite investigar com maior ênfase a degradação da Natureza pelo homem, especialmente com a introdução da palavra Ecologia em suas narrativas. De acordo com Nogueira (2012, p. 2-3):

A partir de finais da década de 70 do século XX, e, sobretudo, nos últimos dez anos, apareceram folhetos que nos permitem falar, ainda com mais rigor, do ciclo «natureza e ecologia» («natureza e ambiente» ou só «ecologia») na literatura de cordel brasileira, e acrescentá-lo às classificações de autores como Leonardo Mota, Cavalcanti Proença, Orígenes Lessa ou Ariano Suassuna.

Etimologicamente, o termo Ecocrítica refere que a “análise ecocrítica de um texto pretende, de certa forma, dar voz a uma coisa silenciada – a natureza e o mundo exterior.” Nasce da junção das palavras Ecologia e Crítica, referida, primeiramente, por William Rueckert (1978) a partir da aproximação da Ecologia aos textos literários (CEIA, 2014, p. 2).

A literatura abre um mar de possibilidades de enxergar e entender o mundo, nesse sentido, a perspectiva ecocrítica é uma das várias possibilidades de leitura, quando procuramos analisar as relações dos seres humanos com a Natureza e o Meio Ambiente através do viés literário. A discussão, sob a visão da Ecocrítica, está relacionada à mudança de paradigma em

¹ O tema foi originalmente palestra proferida na Escola de Ensino Fundamental “Doce Mãe de Deus” em João Pessoa (maio de 2015) dentro do Projeto Literatura e Ecocrítica no Ensino Médio, coordenado pela Profa. Dra. Zélia Monteiro Bora (PROBEX/UFPB), supervisora do estágio Pós-Doutoral.



relação a uma nova ética acerca da Natureza e do Meio Ambiente. O conceito de ecocrítica é descrito por Glotfelty (1996) apud Garrard (2006, p. 14):

O que é ecocrítica então? Dito em termos simples, a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrados na Terra.

A Teoria Ecocrítica, então, analisa a relação entre a literatura e o meio ambiente com uma interface específica que são as relações que se estabelecem entre o homem e o meio ambiente a partir de uma perspectiva ecocêntrica no texto literário, apontando a esfera e o contexto da escrita e sua recepção.

Nesse contexto, objetiva-se refletir sobre as representações sociais plasmadas nos folhetos como fonte para traduzir e discutir as representações da Natureza e do Meio Ambiente através da perspectiva Ecocrítica. Exemplificando a afirmativa, podemos incluir nesse texto alguns poetas e poetisas nordestinos, que escreveram sob essa perspectiva²: Nezite Alencar “Retiramos do Planeta mais do que Ele pode Dar”; Manoel Monteiro “Salvem a Fauna! Salvem a Flora! Salvem as Águas do Brasil”; Maria do Rosário Lustosa” O Homem e a Natureza”; Bastinha Job” Grito Ecológico”; Anilda Figueiredo” Em Defesa do Meio Ambiente”; só para citar parte dos textos e autores que estamos trabalhando nessa direção.

Nesse sentido, como o cordel é uma fonte representativa da observação do cotidiano, dos costumes, das práticas, das adversidades e das crenças de um povo, considera-se relevante estudar, divulgar e socializar, academicamente e para o público em geral, o repertório de narrativas dessa temática que circularam e ainda circulam socialmente no Brasil e no mundo.

² Os autores referidos constam da Antologia Cordel e Meio Ambiente, publicado pela Editora da Universidade Federal da Paraíba- UFPB em 2015. A coletânea foi organizada pelos professores: Dra. Zélia Monteiro Bora, professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB; Dra. Anna Christina Farias de Carvalho, Professora aposentada da Universidade Regional do Cariri – URCA e pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba e Ms. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB.



Literatura Brasileira de Cordel

O que é Literatura de Cordel? Talvez seja um dos mais problemáticos conceitos para delimitar quando estudamos cultura. Nesse sentido, vamos trabalhar com um conceito abrangente: gênero literário escrito de forma rimada; poesia narrativa impressa que tem suas bases na oralidade. Algumas de suas características podem ajudar na sua conceituação como: sua escrita utiliza-se de linguagem a partir de vocábulos simples; livretos com poucas páginas; histórias contadas em forma de rimas; nas capas, ilustrações, com fotos, desenhos, clichês ou xilogravuras que geralmente se harmonizam com as histórias narradas no interior dos livretos; suas narrativas podem ser declamadas ou cantadas em pelepas, por exemplo.

Por volta do século XVI, o cordel foi introduzido no Brasil e floresceu, especialmente, na Região Nordeste, que tendo suas características próprias em virtude das peculiares manifestações socioculturais da região, como o cangaço, o messianismo e as secas, serviram de suporte para uma imensa produção temática de cordéis.

Inicialmente, o cordel foi impresso em papel pardo e media, aproximadamente, 12x18cm; com 08, 16, 32 ou 40 páginas. A capa, conforme referido anteriormente, exibia fotografias de artistas de filmes de Hollywood, desenhos, clichês (zincogravuras) e xilogravuras, que indicavam as histórias, notícias, sátiras, entre outros, de sua narrativa.

Antes do surgimento do rádio, era importante fonte de comunicação no interior do país, sobretudo através das feiras semanais, onde os acontecimentos, em forma de rimas, eram anunciados oralmente, sob a forma de versos falados ou de cantoria.

Na década de 1980, houve um declínio na produção e no consumo da literatura de cordel, e muitas editoras fecharam devido ao retorno econômico insignificante e à massificação/popularização da televisão. No final da década de 1990, a literatura de cordel ressurgiu, e isso possibilitou a revalorização da cultura popular, através de incentivos estatais, trabalhos acadêmicos e da difusão nos veículos de comunicação, que apontavam o cordel como um produto de valor comercial/artesanal, com a valorização do patrimônio imaterial.



O cordel tem sua origem creditada por vários estudiosos³ aos romancieiros da Península Ibérica. O termo literatura de cordel, de acordo com Diegues Júnior (1973), vem de Portugal e segundo os estudiosos citados, encontra referência na forma de expor os folhetos que, presos em barbantes (cordéis), eram comercializados nas feiras, nas lojas, nas praças e, mais recentemente, na internet, o que confirma sua permanência e dinâmica cultural.

Insiro aqui um parêntese para comentar a questão da exposição dos cordéis em barbantes porque o próprio Abraão Batista na contracapa de pelo menos dois cordéis a que tive acesso: “História da razão dos cachorros cherarem o fiofó uns dos outros” (ed. dezembro de 2010) e “O peido que acabou com um casamento – Madalena-CE (ed. março de 2012) faz uma interessante contribuição para essa discussão, fruto de suas experiências e memórias:

[...] Até os idos de 1960/1970 a expressão “cordel” era desconhecida entre nós. O que chamamos hoje de cordel, o povo chamava de folheto (quando de oito páginas) e de romance (quando de 16, 32 ou 40 páginas). Durante o meu tempo de menino e adolescente eu nunca presenciei um vendedor de romances e folhetos fazer-los pendurados em um cordão ou (barbante). (sic)
Espalhava-os numa mesinha ou no chão, protegidos do vento por pedrinhas por cima.

Naquele tempo, Raimundo Chantel, um pesquisador e professor da Sorbone (Paris) pediu para eu encontrar certos romances. O vendedor disse: “eu não vendo cordel!”... Eu apontei para o chão ... e aqueles não são cordéis? – Não! São romances, folhetos! Daquele tempo para cá o nome cordel ficou. É um nome de fantasia, bonito. Há quem jure que cordel tem esse nome porque é vendido pendurado em cordão. E as “Maria vai com as outras” penduram os folhetos nos barbantes...

Se por isso, no livro de Job, escritor hebreu sita (sic) por duas vezes a palavra **cordel**.

E os portugueses, espanhóis, franceses, etc... dizem que são eles as **origens**. (Grifos do autor).

Creio que é importante referir e socializar reflexões sobre o cordel que não se alinham as já tradicionais e famosas referências acerca de suas origens e denominação. Nos mesmos cordéis citados, Abraão Batista nos brinda com um conceito de cordel bastante esclarecedor: “Cordel é uma manifestação cultural constituída de duas produções: a literária, representada pelos versos (miolo) e a plástica, que é a xilogravura (na capa).

³ Manuel Diégues Júnior (1971); Raymond Cantel (1972); Sebastião Nunes Batista (1977); Joseph Maria Luyten (1983); Candace Slater (1984); Martine Kunz (2001); Mark Curran (2011); entre outros.



Outra importante contribuição que questiona essa concepção monolítica sobre a designação cordel e suas origens é a de Aderaldo Luciano em seu livro “Apontamentos para uma História crítica do cordel brasileiro” (2012). O autor defende a ideia que os estudos sobre o cordel brasileiro devem ser conduzidos “por sua filiação ao todo poético brasileiro,” criticando com firmeza a exclusão de poetas como Leandro Gomes de Barros dos “manuais de literatura brasileira” (p. 08).

Apesar de algumas ressalvas e críticas apontadas na resenha de Menezes Neto (2013) as quais concordo, o livro de Aderaldo Luciano indica questões importantes para refletirmos acerca das generalizações que continuam sendo santificadas nos escritos sobre o cordel brasileiro, e segundo o próprio Menezes Neto (2013, p. 224):

A obra é quase como um manifesto em favor dos poetas de cordel, o que demonstra o envolvimento do autor com o seu objeto de estudo. Não sabemos se a pretensão do autor, de “conduzir os estudos sobre o cordel norteando-os por sua filiação ao todo poético brasileiro” (LUCIANO 2012, p. 8), irá se realizar, mas podemos dizer que a obra é mais um livro importante que se soma à historiografia sobre o cordel brasileiro, e que merece a atenção dos pesquisadores.

Ao defender a quebra da dicotomia entre erudito e popular na produção literária, o professor Aderaldo Luciano alerta para a conceituação estanque de popular na literatura de cordel brasileira, evidenciada pelo aspecto social e político que o termo carrega e alerta:

Não é o termo a nos incomodar, tão somente sua carga política. Popular não porque vem do povo. Popular porque sem atributos, sejam estéticos, literários, materiais. Todo o produto literário é popular, porque vem de um povo. O pensamento das elites apregoa, de forma acentuada, que dentro de um povo há os que são mais povo do que outros. (Idem).

Nesse sentido, os pesquisadores que atuam no campo do estudo do cordel, devem estar atentos para não enveredarem pelo seu aspecto folclórico em detrimento do literário. Caminho esse variadas vezes percorrido, pelo menos desde a década de 1970, no Brasil.

Abrão Batista e Sua Obra



Sobre o poeta, um resumo de sua biografia e sua extensa obra literária e como um dos maiores cordelista e xilógrafo que conheci. Abraão Bezerra Batista nasceu aos 04 de abril de 1935, em Juazeiro do Norte - Ceará. Homem das artes e das letras, cursou o primeiro grau em Juazeiro do Norte e o segundo grau no Liceu do Ceará, em Fortaleza. Formou-se na Universidade Federal do Ceará onde concluiu o curso de Farmacêutico Bioquímico. Como farmacêutico exerceu o magistério público e particular, como professor de Física e Desenho. Posteriormente foi professor de Ecologia e Biofísica na Universidade Regional do Cariri (URCA), onde lecionou até sua aposentadoria. É poeta cordelista há mais de três décadas, ilustrando seus folhetos o que lhe valeu merecida publicação em meados da década de 1970 “Xilografuras de Abrão Batista” por Antonio Renato S. Casimiro, à época editada pelo Instituto José Marrocos de Pesquisas Socioculturais – IPESC, sediado em Juazeiro do Norte-CE. Entre alguns dos títulos de seus mais de duzentos cordéis, listamos⁴:

A Apresentação de Chacrinha no Inferno
A Conversa de um Xeletú com o Anjo da Guarda
A Corrupção no Ceará/ Invenção Imprevisível Governador em Juazeiro
A Decepção dos Jornalistas no Coquetel que não houve
A Escandalosa Sexta Feira da Paixão e o Canto do Pau no Horto
A Exposição do Crato
A Menina que foi Gerada fora da Mãe na Inglaterra
A Moça que o Diabo Tomou conta para matar de fome
A Mulher do Compadre Nicolau
A Proibição do Bispo do Crato contra Frei Damião e o Porquê
A Queda do Pau da Bandeira da Matriz Juazeiro no ano 77 e a Morte da Moça
A Questão do Camponês c/o Cel. Humberto e a Promessa ao Pe. Cícero
A Via Sacra do Horto
A Vingança do Diabo depois da Apresentação de Chacrinha no Inferno
As Consequências do Incêndio do Mercado de Juazeiro do Norte-CE
As Desastrosas Enchentes em Pernambuco no Ano de 1975
As duras lamentações de uma coroa
As Profecias do Pe. Cicero
Ata da Imaginação
A Conversa de um Xeletú com o Anjo da Guarda
Debate da Arena com o MDB em Praça Pública antes de Morrer
Discussão de um Eleitor com um Xeletú
Discussão de um Rapaz Velho com uma Coroa Cafona
Encontro de Abraão Batista com Expedito Sebastião da Silva

⁴ Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/acervo_cordeis_autor_2013_1382621676.pdf ; <http://issuu.com/acervocordeis/docs/> ; <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=34710&pesq>. Acesso em: 08 jun. 2015



Encontro de Kung Fu e Lampião
Encontro do Soldado Paraíba com o Vigia da Usina no outro Mundo
Endemoniado Castrou um Menino de 11 anos em Juazeiro do Norte
Expedito da Peixada e a Promessa de 87 Léguas a Pés
Guia Turístico de Barbalha
Historia do Beato José Lourenço e o Boi Mansinho
Historia Verídica e o Milagre do Padre Cicero do ano de 1947
Incêndio e Destruição do Mercado Público de Juazeiro do Norte
Luta de um Homem com um Lobisomem
Nascimento, Vida e Morte de uma Coroa
O Beato da Cruz
O Cego de Várzea Alegre
O Fantástico Caso do Padre que Morreu 136 vezes e Ressuscitou
O Fazendeiro que Castrou o Rapaz porque Namorou a sua Filha
O Fenômeno do Bode que Nasceu Metade Gente e Metade Bode
O Homem que deixou a Mulher para viver c/ uma Jumenta na Paraíba
O Industrial Fracassado ou o Senador Caloteiro de Pernambuco
O Industrial Fracassado ou o Senador Caloteiro de Pernambuco-2o.VI.
O Ladrão que quis roubar na Matriz de Juazeiro. E Morreu
O Menino Monstro
O Menino que nasceu com o Coração do lado de fora
O Misterioso Desabamento da Igreja Matriz de Juazeiro do Norte
O Pássaro Encantado da Gruta do Ubajara
O Rapaz que fugiu da Morte e Morreu
O Vale das Borboletas
Os dois Jovens que andaram 122 léguas pelo poder do Pe. Cicero
Os Uruguaios que Comeram Carne Humana
Uma Apresentação de Chacrinha no Inferno
Encontro de Abrão Batista com uma Coroa (com Expedito Silva)
História da razão dos cachorros cherarem o fiofó uns dos outros
O peido que acabou com um casamento-Madalena-CE
O clamor do meio ambiente
Aviso misterioso da imagem da rosa mística que chorou lágrimas de sangue em Fortaleza

O Clamor do Meio Ambiente

O homem é um animal
extremamente predador
é um bicho presunçoso
na terra, é um mal feitor
diz que é civilizado
mas não passa de um traidor.

Trai a vida que Deus deu,
como Seus mandamentos
suja tudo ao derredor
com os próprios excrementos



polui a terra e o ar
casa, mares firmamentos.

Suja a estratosfera
com mulambo espacial
nas profundezas dos mares
joga as fezes e todo mal;
a Inglaterra que diga
o seu proceder desleal.

A Europa faz de tudo
em termos de poluição
sujando todos lugares
mostra horrorosa lição
é a mãe de Susgismundo
madrasta da desolação.

O Brasil também, o é
um “galante” poluidor
da América, nem falo
assim, trato desse horror:
a América do Norte
da sujeira é o clamor.

Nenhum país da terra
na sujeira, faz exceção
seja a França , ou Turquia
México, Rússia , ou Japão
Vietnam e Coréia
Bolívia, Peru e Botão. (sic)

Os homens são uns bandidos
que não respeitam a Terra
falam de uma maneira
mas, são eles quem mais erra
jogando lixo nas águas
no sub solo e na serra.

Pra que coisa mais horrível
que amostragem do lixo?
crianças, como urubus
remexem, e comem do chão...
tal qual um pesadelo
vive-se de apelação
A Inglaterra tirana
joga o seu lixo no mar!
o fundo dos oceanos
pede-me para reclamar;
a Terra, como uma nave
está prestes pra estourar.

Os europeus acham pouco
a ousada contravenção
mandam lixo pra o Brasil



em safada apelação
Espanha e Inglaterra
não tem consideração.

A China é quem mais polui;
América? – nem se cala.
as indústrias pesadas...
A fabricação de bala,
aviões, foguetes, tudo
a nossa Terra, abala.

Cada dia mais se vê
carros rondando na rua
olarias, padarias
deixam a biosfera nua
preparando um futuro
duma Terra feia e crua.

Os políticos poderosos
mostram que não se dão conta
a natureza poluída
ofendida, nos aponta
o que pode acontecer
se com ela, se confronta.

Não jogue lixo na rua
porque vai tapar o bueiro
nem fume perto dos outros
pois aquele fumaceiro
provoca câncer no peito
na cuca, e no trazeiro. (sic)

O óleo que você usa
para fritar a batata
não jogue dentro da pia
porque, nisso, se constata
o óleo não é solúvel
e o esgoto desbarata.

O esgoto de sua casa
irá se tornar poluído
o cano que passa nele
se tornará entupido
provocando prejuízo
no seu salário sofrido.

Em um vasilhame vazio
junte o óleo servido
e repasse para alguém
a seu modo preferido
para então, fazer sabão
ou combustível contido.

Papel, lata, ou latinha



bote em lugar separado
pra o catador de lixo
ter o seu ganho achado
e a Natureza limpa
não ter seu tempo finado.

Não polua a Natureza
não toque fogo na mata
não corte o arvoredo
pois o bioma desata
muda o clima, e você
vai ficar como barata.

Não destrua a si mesmo
fazendo extravagância
curtindo farras malucas
no desejo da ganância
retire o exagero
e coma com elegância.

Do jeito que a gente vai,
o homem, no seu proceder
vai acabar a água pura
e de sede, vai perecer.
eis o ultimato novo,
e completo meu parecer.

Quem prende os passarinhos
por assim, achar bonitos
deve também, ser preso
pra cantar ou, fazer gritos
dentro de uma masmorra
pra comer só os granitos.

Engaiolar os passarinhos
só reflete egoísmo;
no circo, os bichos presos
só demonstra banditismo
dos donos de espetáculos
montadores de cinismo.

Repare na Natureza
o verdejante da mata
o aquecer da caatinga
o sossego da cascata
o reboiço dos mares
da ventania, a sonata.

Repare na Natureza
o cantar dos passarinhos
a beleza dos animais
todos, nos seus cantinhos
as aves de arribação
no espetáculo dos ninhos.



Repare bem o sabiá
e a Ave do Paraíso
o Pavão (misterioso)
e, se não tiver juízo
continue a jogar sujeira
e aguente, se for preciso.

Olhe como a Terra é
para nós, a grande nave
que percorre o Universo
em grandioso conclave;
se você não a respeita
se transforma em entrave.

Sujar a casa que mora
vira uma contravenção
cuspir no prato que come
é ato sem explicação

quem maltrata a biosfera
é de se próprio o ladrão.

A Natureza é você
resplandecente e bela
quem a suja e maltrata
jamais pode merecê-la

Na primeira estrofe, o autor caracteriza o ser humano como um “animal predador” nos propondo que este não tem consciência, pelo menos ambiental, já nos aponta o contexto textual em que foi escrito. Observamos também a presença da moral cristã, com a crítica aos preceitos dos mandamentos, base dessa religiosidade. O cordel de A. Batista comenta fatos que despertaram o interesse internacional como a ameaça constante do lixo espacial; envio de toneladas de resíduos para o Brasil oriundo da Europa. Em 2009, por exemplo, toneladas de lixo desembarcaram ilegalmente em vários portos do Brasil. Só da Inglaterra foi descoberto pela Polícia Federal 290 toneladas de lixo em um porto de São Paulo.

É interessante comentar, o resgate que o autor faz mencionando um personagem surgido em 1972 - Sugismundo, criado por Ruy Perotti para filmes de campanhas publicitárias, com o objetivo de incentivar hábitos de higiene e limpeza nos brasileiros, e apesar de seus maus hábitos, acabou por conquistar o público e virou sinônimo de “porcalhão”. ([http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/sujismundo-fez-sucesso-nos-anos-70-acabou-
virando-sinonimo-de-porcalhao-8971169](http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/sujismundo-fez-sucesso-nos-anos-70-acabou-virando-sinonimo-de-porcalhao-8971169)).



A denúncia da extrema pobreza e exclusão social se faz presente na denúncia de crianças fazendo o papel dos urubus nos lixões. Políticos, homens bandidos, a industrialização promovida por um capitalismo selvagem, todos esses aspectos são denunciados nas rimas poéticas do folheto.

Mas o poeta não só denuncia o descaso com a Natureza e o Meio Ambiente, ele também aponta soluções mesmo que de pequena amplitude, ações cotidianas e simples. Ele reflete que não só atos de depredação de grande porte como queimadas, desmatamentos, lixões e poluição e industrialização em grande escala, por exemplo, são responsáveis pelo sofrimento da natureza. O poeta comenta em suas rimas que diversas ações rotineiras também são responsáveis na colaboração dos impactos ambientais, e aponta ações simples de sustentabilidade que ajudam a preservar o meio ambiente.

Por fim, apela para a racionalidade do ser humano e quase que suplica para que o homem observe a natureza, sua beleza, sua perfeição, colocando a natureza como parte integrante do ser humano, dentro de um paradigma holístico. A partir desse entendimento, desse olhar para dentro de si, quem sabe? O homem irá tomar consciência e outras atitudes em relação ao Meio Ambiente, ou seja, ao Planeta, nossa casa.

Considerações Finais

A modernidade e a atualidade dos folhetos persistem até hoje, veiculados pela rede mundial de computadores, a internet, como referido anteriormente. Fatos históricos e sociais, como preconceito, consciência ambiental, questões políticas, desastres ambientais, morte de figuras públicas, guerras e outros tantos aspectos do mundo contemporâneo, são discutidos, satirizados, criticados ou comentados pela literatura de cordel, o que nos sugere que esse gênero literário tornou-se um patrimônio histórico e cultural do povo nordestino e, por extensão, do povo brasileiro.

Nesse sentido, a literatura de cordel é um importante recurso para se discutir sobre a diversidade cultural do país. Em relação ao cordel em pauta, podemos observar os seguintes aspectos que colocam o ser humano no interior do Ecocentrismo textual:



O ser humano é parte central do meio ambiente e responsável por tudo de mal que acontece à natureza;

O autor ao indicar as causas da degradação da natureza, profetiza um possível futuro;

Crítica os donos do poder por não formalizarem uma solução efetiva aos desastres ecológicos, bem como os países mais industrializados que poluem o meio ambiente;

Apona as consequências dos atos humanos no cotidiano e aconselha a mudança de hábitos contrários à preservação da natureza e do meio ambiente;

Em relação ao enfoque ambiental, podemos inferir que o cordelista apresenta uma visão ecocrítica, quando critica através das rimas de sua poesia, a degradação do meio ambiente e da natureza pelo ser humano.

Referências

BATISTA, Abraão. **O clamor do meio ambiente**. Juazeiro do Norte: Projeto Cordel Novo, 2011. Cordel.

BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Fundação José Augusto, 1977.

BORA, Zélia M.; CARVALHO, Anna Christina F. de; VASCONCELOS, Adaylson Wagner S. de. **Antologia cordel e meio ambiente**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. (Coleção Pós Letras).

CANTEL, Raymond. **Temas da atualidade na literatura de cordel: ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes [Departamento de Jornalismo e Editoração], 1972.

CURRAN, Marck. **Retrato do Brasil e cordel**. Cotia, SP: Atêlie Editorial, 2011.

DIEGUES JUNIOR, Manuel. **Ciclos temáticos na literatura de cordel**. Alagoas: [Imprensa Oficial Graciliano Ramos](#), 1971.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. A literatura de cordel no Nordeste. In: **Literatura popular em verso**. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.



Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/sujismundo-fez-sucesso-nos-anos-70-acabou-virando-sinonimo-de-porcalhao-8971169>> acesso em 10 abr. 2016.

Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/materia/o-lixo-da-inglaterra-e-nosso/>>
Acesso em: 10 abr. 2016.

KUNZ, Martine. Cordel: a voz do verso. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

LUYTEN, [Joseph Maria](#). **O que é literatura popular**. São Paulo:Brasiliense, 1983.
MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. **Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil**. Disponível em:
< <http://www.bahai.org.br/cordel/classes.html>> Acesso em: 10 de maio de 20.

MENEZES NETO, Geraldo Magela. Questionamentos à historiografia do cordel brasileiro. In: **História e Historiografia**. Ouro Preto. N. 13. Dez. 2013.

NOGUEIRA, Carlos. O ciclo «natureza e ecologia» na literatura de cordel brasileira », *Caravelle* [En ligne], 98 | 2012, mis en ligne le 01 juin 2012, consulté le 31 juillet 2015. Disponível em < <http://caravelle.revues.org/1241>> Acesso em: 31 Jul 2015.

RUECKERT, William. **Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism** . 1978. In: CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=1597&Itemid=2> Acesso em 10 out. 2014.

SLATER, Candace. **A vida no barbante**. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 1984.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

CARVALHO, Anna C. F. Ecocrítica no Cordel “Clamor do meio Ambiente” de Abraão Batista. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, Fevereiro de 2017, vol.11, n.34, p. 124-138. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 24.02.2017

Aceito: 27.02.2017